

A DIMENSÃO IDEOLÓGICA DOS MOVIMENTOS NEGROS

EDUARDO DE OLIVEIRA E OLIVEIRA
E A NEGRITUDE NO BRASIL

OLIVEIRA, Eduardo de Oliveira e. *Contraideologia da mestiçagem* (Organização de Rafael Petry). Rio de Janeiro: Zahar, 2025. 336p.

Como já é de costume nas Ciências Sociais, a elaboração de um desenho de pesquisa com pergunta, objetivos e uma metodologia bem definida compõe parte fundamental do processo de pesquisa. Em um nível mais amplo, essas preocupações que orientam cada uma das pesquisas podem ser observadas, por exemplo, ao longo da trajetória de autores, formando uma espécie de *leitmotiv* que atravessa suas preocupações intelectuais.

Esse parece ter sido o caso de Eduardo de Oliveira e Oliveira, autor dos textos editados em livro sob organização de Rafael Petry Trapp, em 2025. *Contraideologia da mestiçagem* apresenta ao leitor a produção de um intelectual que se dedicava a entender, ao longo das décadas de 1960 e 1970, como a mestiçagem se

configurava enquanto ideologia e, principalmente, como a negritude brasileira propunha uma “contraideologia da mestiçagem”. Essas questões vão orientar a escrita de Oliveira e atravessar as três partes da obra, as quais foram nomeadas de “Ensaaios”, “Estudos” e “Intervenções”.

Apesar de organizados a partir de sua natureza discursiva, os segmentos vão, em geral, apresentar algumas características compartilhadas entre seus textos. “Ensaaios”, por exemplo, apresenta alguns textos críticos nos quais o autor promove um diálogo com a bibliografia que interpreta o Brasil, estabelecendo conexões com debates internacionais sobre a construção de identidades negras na diáspora. Os escritos, elaborados entre 1966 e 1978, apresentam uma

relação de aproximação e distanciamento de Oliveira com os autores que, àquela altura, já eram considerados canônicos nos debates sobre a formação social brasileira.¹

Um primeiro argumento importante do segmento é inspirado na crítica a dois interlocutores importantes na obra: o historiador estadunidense Carl Degler e o ensaísta pernambucano Gilberto Freyre. Oliveira estabelece contrapontos em relação às suas perspectivas ao longo dos ensaios iniciais, os quais giram em torno da crítica à ideologia da mestiçagem e da discussão sobre o “papel do mulato” na formação brasileira (p. 30). Em sua visão, a despeito da tentativa de Degler de identificar no Brasil um “paraíso” para os chamados mulatos, funcionando como uma “válvula de escape” para os conflitos raciais, Oliveira posiciona tal figura em um local de indefinição nas relações raciais brasileiras, caracterizadas pela composição de “oposições polares”. Nesse sentido, essa narrativa não apenas mascara uma miscigenação

marcada pela exploração colonial, mas também fundamenta uma ideologia que prioriza a branquidade, em detrimento da negritude (p. 34).

Essa denúncia da mestiçagem enquanto ideologia toma uma forma não apenas brasileira, mas latino-americana, como aponta Flavia Rios no prefácio da obra. Dessa forma, há já nesse primeiro segmento a delimitação de uma das preocupações do autor. A crítica à mestiçagem não é inédita no período, na medida em que os argumentos de Florestan Fernandes, Fernando Henrique Cardoso e Octavio Ianni já estavam em desenvolvimento. Todavia, apresenta uma tomada de posição do autor em relação ao seu contexto, marcado por uma ditadura que assumia essa mesma mestiçagem enquanto discurso oficial.

Outro argumento que toma forma nesse primeiro momento é baseado em suas aproximações com o sociólogo francês Roger Bastide e a perspectiva da negritude em diáspora. Apesar de breve no livro, os destaques que Oliveira faz em relação à obra de Bastide remetem a pontos fundamentais de seu pensamento, como a consideração do negro enquanto sujeito, portador de cultura, não como

1 Flavia Rios, “Prefácio: A sociologia negra de Eduardo de Oliveira e Oliveira” in Eduardo de Oliveira e Oliveira, *Contraideologia da mestiçagem*. Rafael Petry Trapp (Org.), Rio de Janeiro: Zahar, 2025.

objeto ou força de trabalho (p. 47). Mais especificamente, ressalta a dificuldade do negro brasileiro em se sentir, de fato, brasileiro, marginalizando a si mesmo ao tentar ancorar-se na romantização ou negação de uma África já inexistente (p. 49).

Na esteira dessa preocupação, o autor apresenta algumas de suas afinidades com o movimento da *Négritude* franco-antilhana. Esse é um conceito que aparece tanto em seus ensaios quanto, posteriormente, no segmento sobre suas pesquisas, funcionando como um elemento central de seu pensamento. Oliveira parte de uma articulação entre a concepção césaariana da negritude e a acepção sartriana do termo, na medida em que a compreende como um “simples reconhecimento do fato de ser negro, e a aceitação desse fato; do nosso destino de negro, de nossa história e de nossa cultura”, seguindo Aimé Césaire, e um “ser-no-mundo do negro”, como propõe Jean-Paul Sartre (p. 65).

Dessa forma, Oliveira define a negritude como “o nível de consciência limite no qual o negro alcança o nível de consciência em-si-para-si” (p. 68). Há, portanto, um esforço do autor em identificá-la como uma ideologia

que se apoia sobre os “valores do mundo negro, não só entre os negros da África, como entre os negros da diáspora” (p. 68). Quando encarada historicamente, ela se apresenta tanto como uma “realidade objetiva”, assim como “atitude militante” (p. 68).

A definição vai funcionar como um pilar da sua análise sobre os movimentos sociais negros no século XX, os quais aparecem como objeto no segmento seguinte. Esse esforço é, sem dúvida, um movimento importante do autor, apontando um pioneirismo. Todavia, antes de prosseguir, cabe destacar que apesar dessas virtudes, suas propostas ainda reproduzem alguns problemas que dificultam a mobilização das suas categorias de análise. Um primeiro a ser destacado é o argumento de que as distinções do racismo entre o Brasil e os Estados Unidos fizeram com que a reação à opressão se configurasse de maneiras diferentes – no caso estadunidense, assumindo uma forma de “força social efetiva”; no brasileiro, predominando a falta de “coesão e líderes” (pp. 26-27). Nesse sentido, o autor destaca que a possibilidade de ascensão individual de líderes negros inviabilizaria um crescimento grupal enquanto classe.

Com isso, mesmo ao tentar estabelecer uma relação entre a dificuldade de criar-se uma identidade política em torno da identificação racial e o baixo grau de mobilização de massas no país, não há, por parte de Oliveira, um aprofundamento em como isso se distinguiria do caso estadunidense. Logo, o paralelo desconsidera que a formação econômico-social estadunidense não necessariamente favorece uma “tomada de consciência” da massa afro-americana do país, romanizando algumas das contradições que a própria trajetória de mobilização afro-americana apresenta.

Se na primeira parte é possível observar um Oliveira mais crítico, estabelecendo contraposições e conexões com perspectivas nacionais e internacionais, no segundo segmento sua argumentação tomará forma. Em “Estudos”, a organização dos textos do autor é estabelecida pela sua caracterização mais estritamente acadêmica.

Nesse contexto que é apresentada a segunda principal virtude da obra: a delimitação de um problema em relação a uma contraideologia da mestiçagem. Para entender essa questão, algumas definições estabelecidas pelo autor são importantes,

a começar pela ideologia. É perceptível que o autor foi especificando o uso do termo ao longo do desenvolvimento da pesquisa, partindo de apropriações mais genéricas de Mannheim, Marx e Lukács, até uma mais bem apurada, partindo do cientista político David Apter: “termo genérico aplicado a ideias gerais, em situações específicas de conduta, [...] ajudando a realizar duas funções importantes: uma diretamente social, ligando a comunidade, e a outra, individual, organizando o papel da personalidade do indivíduo” (p. 98).

Essa definição em específico aborda a ideologia enquanto um elemento organizador que opera em um nível social e individual, sobretudo a partir da personalidade, elemento que aparecerá no argumento de Oliveira. A partir disso, o autor põe no centro de análise das relações raciais no Brasil as suas disputas ideológicas, com o objetivo de entender como elas se caracterizam na formação brasileira e em seu tempo contemporâneo. Com isso, o autor apresenta a hipótese de que “o negro brasileiro não tem uma ideologia racial definida, através da qual pretenda integrar-se na ordem social

competitiva, mas sim uma *contraideologia*” (p. 77, grifo de Oliveira).

Essa contraideologia apresenta um movimento contrário à ideologia, sobretudo ao partir da definição do semiótico Eliseo Verón, o qual aponta como elemento diferencial o fato de a “contraideologia não revelar ou manifestar as contradições inerentes à ideologia a que se opõe; pelo contrário, cria contradições para os mesmos que a sustentam. Isso, naturalmente, favorece a situação de domínio ou autoridade existente” (p. 101).

Nesse sentido, uma contraideologia apareceria sem uma forma própria, sendo constituída necessariamente a partir da contraposição a uma ideologia vigente, mas que não a nega ou contradiz totalmente. Na prática, o que perpassa a definição de Verón, que embasa o argumento de Oliveira, é que essas contraideologias reforçam as ideologias às quais se opõem.

Colocando em perspectiva histórica, Oliveira argumenta que mesmo com a ausência de uma ideologia própria, o negro brasileiro estaria no caminho de desenvolvê-la, sobretudo no contexto paulistano. Para investigar o processo, o autor parte da contraposição entre dois conceitos: a

negridade e a negritude. O primeiro é compreendido como um momento de “desalienação do negro, mas tendo como modelo o branco”, o qual apareceria como anterior à negritude, configurando uma “contraideologia” (pp. 81-82). O conceito seria característico dos movimentos negros de 1927 até meados de 1938, tendo como ator central nesse processo a Frente Negra Brasileira.

Já no caso da negritude, o autor retoma a definição da *Négritude* franco-antilhana, ao delimitá-la como o “conjunto de valores culturais do mundo negro, tal como se exprime na vida, nas instituições e nas obras dos negros. A personalidade negra africana” (p. 84). Levando isso em consideração, a transformação negridade em negritude apresentaria uma transição de um “ser-para-o-outro” em direção a um “ser-para-si” pautado nessa afirmação cultural e política da identidade negro-africana. Reforçando o argumento de Albert Memmi, Oliveira destaca esse processo de “tomada de consciência” como um elemento de descolonização.

Embora a perspectiva do autor seja importante por chamar atenção para as dimensões ideológicas dessas

disputas políticas, Oliveira a limita por se ancorar em definições que explicam pouco o modo pelo qual as ideologias funcionam. Um primeiro elemento é a própria definição de ideologia, a qual assume uma dependência da personalidade e uma caracterização individualista da adoção da ideologia. Mesmo se distanciando de explicações mais restritivas, as quais compreendem a ideologia como um falseamento da realidade, como no caso marxista, qualificando-a negativamente, Oliveira ainda imprime uma carga valorativa ao conceito quando o torna dependente de uma “tomada de consciência”.

Além de não qualificar o conceito, torna as estratégias de combate ao racismo dos negros classificados como possuidores de uma “negritude” algo menos importante e, até certo ponto, como inconsciente ou alienado. É preciso notar, como destaca Petrônio Domingues, que os modos pelos quais o racismo foi combatido ao longo do século XX diferiam bastante conforme seus contextos, na medida em que mesmo a autodeclaração da identidade racial aparecia como um dilema.² Isso faz com que, por exemplo, o combate

ao racismo pelos movimentos negros brasileiros apareça como atrasado em relação aos Estados Unidos, argumento que aparece como subentendido na primeira parte do livro. A negritude, portanto, como destacaria o autor, comporia uma ideologia que se concretiza em outros países, mas que no Brasil não teria sido capaz de se estabelecer de forma definitiva até aquele momento (p. 172).

Em consequência, a definição de contraideologia utilizada pelo autor explica pouco o funcionamento dessa negritude. Mesmo se considerada como um momento anterior à negritude, identificá-la como um elemento que se constitui fundamentalmente da oposição a algo dificulta a compreensão do próprio fenômeno que se busca caracterizar. Por exemplo, em algum momento, a ideologia da mestiçagem surge enquanto contraposição a uma ideologia vigente, especialmente em relação ao racismo. Isso aparece não por ela se restringir à existência de sua oposição, em um movimento acrítico, mas pelas duas narrativas ocuparem espaços de disputa político-ideológica no contexto em que estão inseridas.³

2 Petrônio Domingues, “Movimento negro brasileiro: alguns apontamentos históricos”, *Tempo*, v. 12, n. 23 (2007), pp. 100-122.

3 Michael Freeden, *Ideologies and Political Theory: A Conceptual Approach*, Oxford: Clarendon Press, 1996.

Em relação à terceira parte, referente às “Intervenções”, a obra apresenta alguns textos de caráter político e militante do autor, trazendo debates nos quais Oliveira buscava intervir. Com isso, essas intervenções aparecem como manifestações dos argumentos apresentados nos segmentos anteriores, que giram em torno dos temas da valorização da cultura negra, em prol de uma maior organização política dos negros brasileiros, mas principalmente que defenda uma ciência engajada e militante contra o racismo.

Nesse sentido, toma forma um argumento que aparece em Guerreiro Ramos,⁴ mas que Oliveira também desenvolve: o negro é povo no Brasil. Partindo disso, argumenta que as Ciências Sociais deveriam assumir um papel de “criar uma ideologia para as massas negras, traçando uma conexão entre essa ideologia e uma análise social para a sua luta de libertação, mormente intelectual. Prover à gente negra de condições de começar a construir um pensamento, baseado em uma análise,

que conduza a um compromisso com sua busca de identidade” (p. 203).

Apesar de apresentar um argumento importante, o qual identifica a massa trabalhadora do país a partir de uma identidade negra, fazer com que a ideologia de libertação para essas massas parta de uma elite intelectual a coloca, novamente, em uma posição de “alienação”. Oliveira desconsidera, portanto, as ideologias presentes no interior desta mesma “massa negra”, as quais são produzidas e articuladas ao longo do tempo. Da forma que é mobilizada, a “tomada de consciência” dessas massas surge como um produto da atividade intelectual de alguns, enquanto ela própria não seria capaz de se conduzir a esse nível de emancipação. Todavia, cabe destacar que esse tipo de argumento não é exclusivo do autor, aparecendo de forma similar no modo pelo qual Clóvis Moura entende a divisão entre escravizados e quilombolas, por exemplo.⁵

Por fim, essa obra se apresenta como uma bibliografia incontornável para aqueles que se interessam pelos estudos das relações raciais no Brasil, ao mesmo tempo em que fornece uma

4 Alberto Guerreiro Ramos, “O problema do negro na sociologia brasileira”, *Cadernos de Nosso Tempo*, v. 2, n. 2 (1954), pp. 189-220.

5 Clóvis Moura, *Rebeliões da Senzala: quilombos, insurreições, guerrilhas*, São Paulo: Edições Zumbi, 1959.

contribuição importante ao campo do pensamento social brasileiro. O pioneirismo do autor se manifesta em diferentes partes da obra, como na análise estatística da realidade do negro brasileiro, a crítica à ausência de uma análise sociológica do racismo e a inexistência de uma investigação sobre a presença de uma “ideologia negra” no século XX.

Mesmo sem ter conseguido finalizar a pesquisa como pretendia,

Oliveira apresentou uma reflexão substantiva nos temas que se propôs a intervir. Com isso, na esteira da edição e reedição de outras obras de intelectuais negros “esquecidos” pelo tempo, como nos casos de Lélia Gonzalez, Sueli Carneiro e Guerreiro Ramos,⁶ a publicação fornece um material rico aos interessados no tema.

Gabriel Delphino  

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

doi: 10.9771/aa.v0i71.70529

-
- 6 Lélia Gonzalez, *Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos* (Organização de Flávia Rios e Márcia Lima), Rio de Janeiro: Zahar, 2020. Sueli Carneiro, *Dispositivo de racialidade: a construção do outro como não ser como fundamento do ser*, Rio de Janeiro, Zahar, 2023. Alberto Guerreiro Ramos, *Negro sou: a questão étnica-racial e o Brasil – ensaios, artigos e outros textos (1949-1973)* (Organização de Muryatan S. Barbosa), Rio de Janeiro: Zahar, 2023.